

O PORANTIM recebeu uma mensagem do cacique Sura Acoanã (José Saraiva Irmão) do povo Tingui-Botó, de Alagoas, sobre a Semana do Índio. O cacique José Saraiva diz por que seu povo e todos os índios no Brasil são obrigados a falar sobre o Dia do Índio com muita tristeza

"Sem mata para caçar e sem rio para pescar"

Nesta data de hoje, em que se comemora o Dia do Índio, eu, como cacique, junto com meu povo **Tingui-Botó**, não nos sentimos felizes olhando para o lado e vendo meu povo, que significa meus filhos. Somos os verdadeiros donos desta terra brasileira e nos resta apenas sessenta hectares de terra toda cultivada. Sem mata para nossa caça e sem rios para nossa pesca, enquanto que a 400 anos atrás os nossos ancestrais viviam felizes na nossa terra primitiva gozando de toda a riqueza natural, desfrutando, respeitando e amando esta área brasileira que Deus nos concedeu. O que se procurava nessa terra se encontrava: saúde, riqueza e honestidade composta de todas as plantas medicinais. Esta é toda verdade que existiu neste país.

Hoje o que nos resta é a infelicidade nos poucos índios que ainda existem com tanto sofrimento e perseguições passando de pai para filho a mais de 400 anos, sem nenhuma proteção positiva dos nossos políticos. Ou a intenção é de acabar o restinho de índios que sobrou de cinco milhões neste continente indígena que hoje tem o nome de Brasil. Mas com todo o sofrimento e discriminação esta luta nunca acabará com o poder e a força de nossos deuses e grande espírito indígena. O homem branco chegou aqui e considerou esta terra de Terra da Vera Cruz, terra bendita que plan-

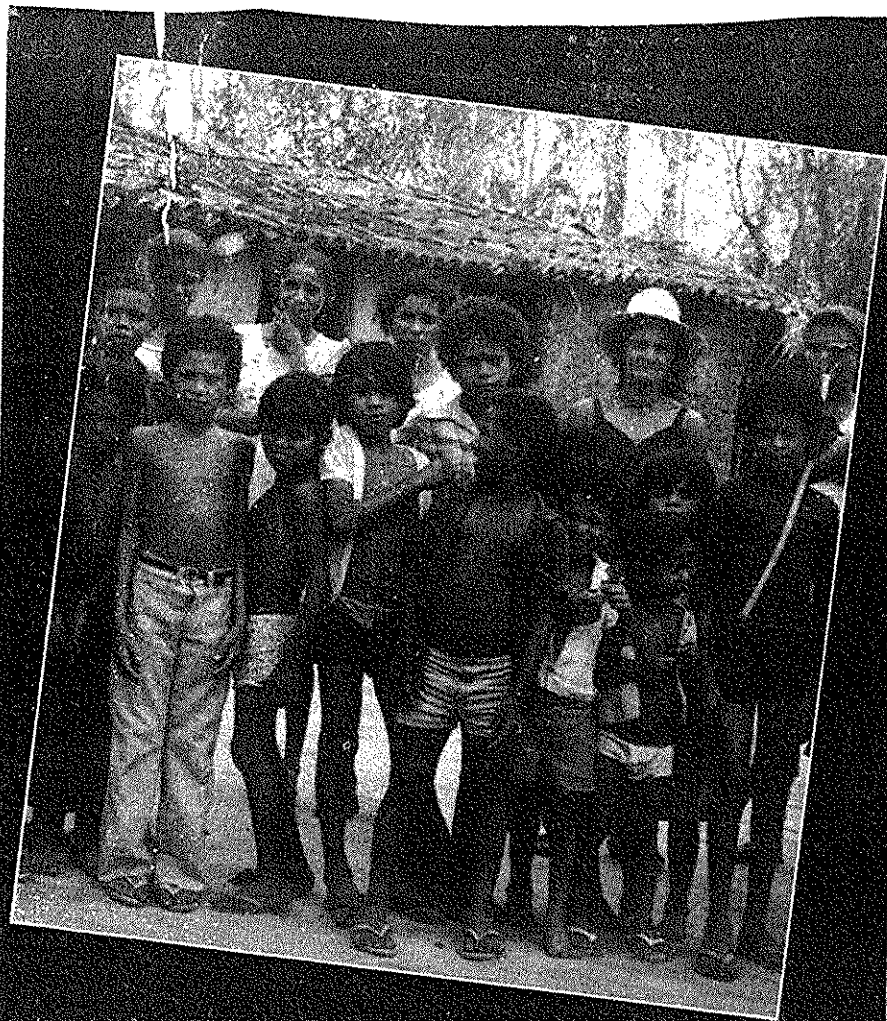
tando tudo dá para os invasores. Para nós trouxeram desonestidade, desrespeito, fome, peste, miséria e prostituição.

Será que em toda esta miséria não encontramos um homem de poder junto aos políticos federais e estaduais que divulgue os sofrimentos dos verdadeiros e primitivos brasileiros, que declare aos professores e estudantes, que esclareça os sofrimentos do índio brasileiro? Inclusive para este pouquinho de índios que existe no nordeste brasileiro, que o nosso governo aja com mais concretividade em nossas demarcações de terras ou desapropriações na maneira possível, pois nós índios é que sabemos amar a terra e respeitar a natureza, pois cada comunidade indígena que tem sua área suficiente está contente, embora recebendo ela de volta já sem riquezas naturais. Não importa que digam que somos preguiçosos, na verdade, se não trabalhamos é porque não temos terra.

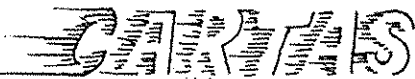
A Funai com muita dificuldade resolveu comprar 60 hectares de terras que não é suficiente para 150 índios que vivem aldeados, fora os outros que vivem ausentes por falta de terra. Por este motivo não nos sentimos felizes. Quando for realizado nosso sonho de ter nossa terra, desse dia em diante, todo dia é dia de índio...

Cacique Sura Acoanã — José Saraiva Irmão.

Fotos: Arquivo Porantim



Cacique Sura Acoanã: "Somos os verdadeiros donos desta terra"



"Temos a dizer que o nosso trabalho em relação à nossa comunidade começou há uns cinco anos atrás. Percorremos igrejas e escolas contando às pessoas quem são e como vivem os nossos índios, procurando sensibilizá-las para a causa indígena.

Desde o ano passado estamos tentando envolver a nossa comunidade na causa do povo **Guarani**, marginalizado pela população en-

volvente, mas que teima em sobreviver. Fizemos denúncias em jornais, escolas, igrejas e rádios e obtivemos solidariedade de toda a população da cidade.

Acreditamos que precisamos criar na população envolvente a consciência de que o problema dos índios é um problema de todos nós e envolver realmente a população nessa problemática. Sugerimos

que a Igreja Católica efetivamente apóie esse tipo de trabalho e crie junto com a Pastoral dos Jovens e da Família, a Pastoral Indígena (mesmo que não existam índios próximos às cidades) que terá por objetivo promover a conscientização dessas comunidades.

Acreditamos que o que falta são informações em relação aos povos índios, pois a expe-

riência nos conta que assim que informada e sensibilizada, a resposta da população é altamente solidária.

Já é tempo de não permitirmos mais a alienação da sociedade quanto aos índios pela desinformação, já que as autoridades manipulam essas informações deixando que sejam divulgados apenas os atos de desespero dos índios.

Somente quando o povo é informado, conscientizado, sensibilizado, enfim respeitado, é que realmente sua solidariedade e compromisso em relação a qualquer assunto são conquistados.

Mobilizando a população, essa pressionará as autoridades e não permitirá que as injustiças praticadas quanto aos povos indígenas continuem ocorrendo.

Principalmente as populações próximas às aldeias devem ser conscientizadas. No caso aqui: Ubaituba, São Sebastião, Peruíbe, Banaém...

Assim os povos indígenas deixarão de ser marginalizados. Somente agora, num futuro não muito distante, quando colhermos os frutos das nossas sementes". — Maria Aparecida. Capapava — São Paulo.